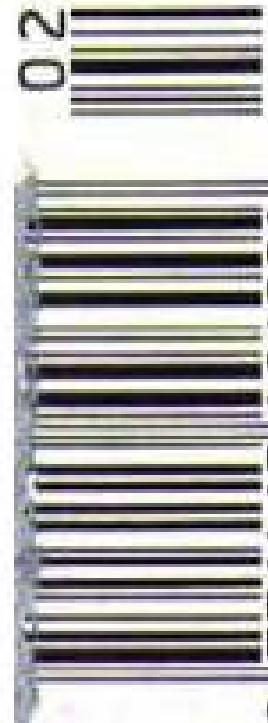
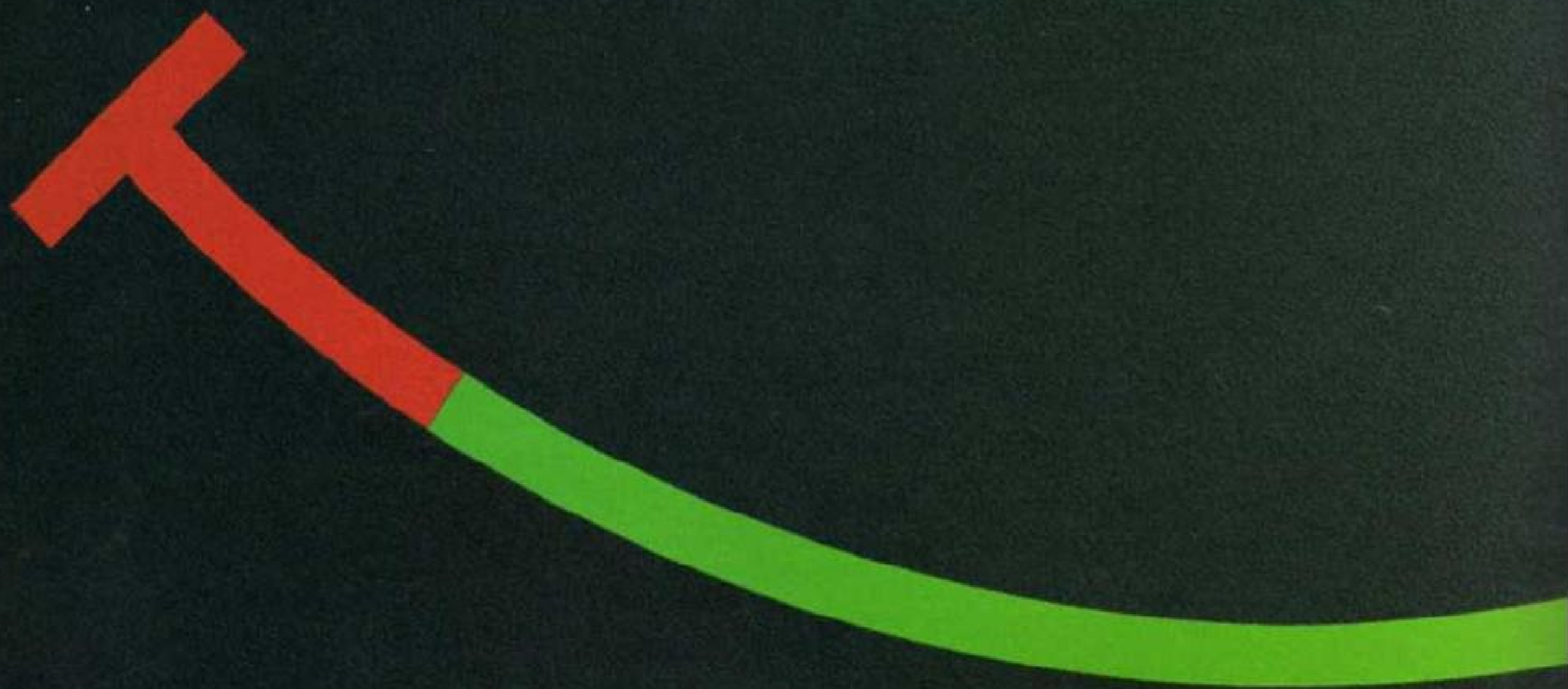
Editora Abril
10891/1
COLEÇÃO
PLACAR
História do futebol 2
"O jogo dos loucos" chega à América do Sul
A inauguração do Estádio de Wembley
Nº 2 - R$ 9,90
www.placar.com.br
Leônidas, o primeiro craque brasileiro
COPA DO MUNDO: O SONHO VIRA REALIDADE
O SOFRIMENTO DOS URUGUAIOS PARA PROMOVER O MUNDIAL DE 1930
Placar História do Futebol - Volume 2 é um kit composto de fascículo e fita de vídeo. Não podem ser vendidos separadamente
9 771415 496009 02

Young & Rubicam
Um pneu que dura mais e economiza combustível

P3000 Energy. Onde economia é performance.

Acaba de chegar ao Brasil o mais novo conceito em pneu: P3000 Energy. A partir de um revolucionário composto de materiais e de um desenho exclusivo, o P3000 Energy tem uma durabilidade 15%* maior que os pneus standard e economiza mais combustível. Essas melhorias fazem dele um pneu ecologicamente correto. E, com tantas vantagens, podemos dizer que o P3000 Energy é muito mais que um pneu. É um investimento.

*Considerando padrões normais de dirigibilidade.

POTÊNCIA NÃO É NADA SEM CONTROLE.

não poderia causar outra reação.

américa do sul

o jogo dos loucos

Imigrantes e marinheiros ingleses trazem o novo esporte para o continente

"Quem são aqueles?", teria perguntado um menino ao ver um bando de rapazes louros correndo atrás de uma bola em um terreno baldio de Buenos Aires. "Loucos", teria respondido o pai. "Ingleses malucos." Quando cresceu e virou jornalista, o garoto, que se chamava Juan José de Soiza Reilly, publicou essa memória da sua infância para demonstrar como o futebol, em seus primeiros anos, parecia um "jogo de loucos" aos olhos dos habitantes da América do Sul. Trazido por imigrantes e marinheiros ingleses que aportaram em Buenos Aires na década de 1860, o "jogo dos loucos" começou como uma reunião informal entre amigos. As equipes eram, então, formadas por cidadãos ingleses, diplomatas e funcionários das companhias de gás da capital argentina. Pouco a pouco, porém, foi-se espalhando. Primeiro para o Uruguai, onde chegou quase simultaneamente. Depois para o Brasil, onde o filho de ingleses Charles Miller trouxe duas bolas da Inglaterra, em 1894 (**não perca o terceiro fascículo de** *História do Futebol*). A seguir, tomou conta de todo o resto do continente. Longe das devastações causadas pela Primeira Guerra Mundial (entre 1914 e 1918), a América do Sul tornou-se um campo fértil para o esporte crescer. A ponto de, até hoje, rivalizar com a Europa pela hegemonia mundial.

OS PAIS DA BOLA

A partir de 1880, o futebol ganhou impulso na América do Sul graças à ação de um professor escocês, Alexander Watson Hutton, que assumiu a diretoria do Colégio Inglês de Buenos Aires. Jogador entusiástico, ele não só ensinou o jogo aos seus alunos como, mais tarde, montou seu próprio time, chamado Alumni. Hutton é considerado hoje o patrono do futebol argentino, em que a herança britânica é nítida. Ou alguém acha que nomes de clubes como River Plate, Boca Juniors, Racing Club, Newell's Old Boys e Velez Sarsfield foram escolhidos por acaso? Os ingleses acabaram sendo responsáveis, também, pela introdução da bola no Uruguai. Na mesma década de 1860, William Leslie Poole, professor do Colégio Britânico de Montevidéu, fez do futebol uma matéria curricular. Um dos seus alunos, Enrique Lichtenberger, fundaria, em 1900, a Associação Uruguaia de Futebol.

Clubes *vovôs*

● **O PEÑAROL, DE MONTEVIDÉU,** é o time mais antigo do Uruguai. Fundado em 28 de setembro de 1891, como Clube de Críquete da Estrada de Ferro Central do Uruguai (Central Uruguay Railway Cricket Club, ou CURCC), mudou para Clube Atlético Peñarol (nome do bairro onde surgiu) em 12 de março de 1914.

● **O QUILMES A.C.** é o mais antigo entre os times argentinos em atividade. Fundado em 1887, chegou a ser campeão metropolitano em 1976. Seu nome é o de uma marca de cerveja que, hoje, patrocina River Plate, Velez e Boca Juniors.

LINHA DO TEMPO

1867

É fundado o Buenos Aires Football Club, dissidente de um clube de críquete, considerado o primeiro time sul-americano, hoje extinto. No dia 20 de junho de 1867, no campo do próprio Buenos Aires, no bairro de Palermo, é disputada, também, a primeira partida do continente. Não há qualquer registro do nome do adversário ou do resultado do jogo. No local – hoje um grande parque – existe um monumento que marca o local do nascimento do futebol argentino e da própria América do Sul.

1889

No dia 15 de agosto acontece o primeiro jogo internacional, para celebrar o 70º aniversário da rainha Vitória, da Inglaterra. Ingleses de Montevidéu e de Buenos Aires jogam sob um gigantesco retrato da soberana, dando início à rivalidade que dura até hoje.

Os uruguaios, primeiros campeões sul-americanos, jogando na Argentina, em 1916. A base deste time ganharia, também, o bicampeonato olímpico, em 1924 e 1928

Copa América*

ANO	LOCAL	CAMPEÃO	VICE
1916	Argentina	Uruguai	Argentina
1917	Uruguai	Uruguai	Argentina
1919	Brasil	Brasil	Uruguai
1920	Chile	Uruguai	Argentina
1921	Argentina	Argentina	Brasil
1922	Brasil	Brasil	Paraguai
1923	Uruguai	Uruguai	Argentina
1924	Uruguai	Uruguai	Argentina
1925	Argentina	Argentina	Brasil
1926	Chile	Uruguai	Argentina
1927	Peru	Argentina	Uruguai
1929	Argentina	Argentina	Paraguai
1935	Peru	Uruguai	Argentina
1937	Argentina	Argentina	Brasil
1939	Peru	Peru	Uruguai
1941	Chile	Argentina	Uruguai
1942	Uruguai	Uruguai	Argentina
1945	Chile	Argentina	Brasil
1946	Argentina	Argentina	Brasil
1947	Equador	Argentina	Uruguai
1949	Brasil	Brasil	Paraguai
1953	Peru	Paraguai	Brasil
1955	Chile	Argentina	Chile
1956	Uruguai	Uruguai	Argentina
1957	Peru	Argentina	Brasil
1959	Argentina	Argentina	Brasil
1959	(Extra) Equador	Uruguai	Argentina
1963	Bolívia	Bolívia	Paraguai
1967	Uruguai	Uruguai	Argentina
1975	Sem sede	Peru	Colômbia
1979	Sem sede	Paraguai	Chile
1983	Sem sede	Uruguai	Brasil
1987	Argentina	Uruguai	Chile
1989	Brasil	Brasil	Uruguai
1991	Chile	Argentina	Brasil
1993	Equador	Argentina	México
1995	Uruguai	Uruguai	Brasil
1997	Bolívia	Brasil	Bolívia

* *Até 1975, a competição se chamava Campeonato Sul-Americano.*

Você sabia que...

... Até hoje, só um brasileiro presidiu a Confederação Sul-Americana de Futebol? Seu nome era José Ramos de Freitas, e o mandato foi de 1957 a 1959.

... A Argentine Football Association não permitia que se falasse em espanhol nas suas reuniões?

... A Uruguay Association Football League proibia jogos aos domingos, seguindo o costume religioso dos ingleses, que jogavam aos sábados?

... No Campeonato Sul-Americano de 1916 a Federação Chilena exigiu a anulação de uma derrota por 4 x 0 para o Uruguai porque o adversário havia escalado Gradín e Juan Delgado, dois jogadores negros?

... O Uruguai era, naquela época, o único país do mundo que contava com negros em sua Seleção nacional?

1891
É disputado o primeiro Campeonato Argentino (e primeiro da América do Sul). Campeão: St. Andrews.

1906
O Alumni (time do professor Hutton) torna-se a primeira equipe sul-americana a vencer um time de outro continente, o Combinado da África do Sul, constituído por ingleses.

1916
É fundada, em Buenos Aires, a Confederação Sul-Americana de Futebol, por iniciativa das Federações de quatro países: Argentina, Brasil, Chile e Uruguai. O uruguaio Héctor Rivadavia é eleito o primeiro presidente. Data: 9 de julho de 1916, dia da independência argentina. Naquele mesmo ano, é disputado o primeiro Campeonato Sul-Americano de futebol. O Uruguai sagra-se campeão.

o sonho do tamanho do mundo

Jules Rimet se empenhou muito para tornar realidade o primeiro Mundial da história

A BORDO DO *CONTE VERDE* — o confortável transatlântico que o levava de Villefranche a Montevidéu, naquele 21 de junho de 1930 —, Jules Rimet acariciava a taça de ouro. Era uma estatueta com 30 cm de altura e 4 kg de peso, representando uma Vitória alada, cujos braços erguiam sobre a cabeça uma copa de base octogonal.

"É um rico troféu, *monsieur*", observava o vice-presidente da Fifa, Maurice Fischer, o gordo e simpático húngaro com quem Rimet dividia o camarote.

"Mais que isso, meu caro Maurice. Mais que isso..."

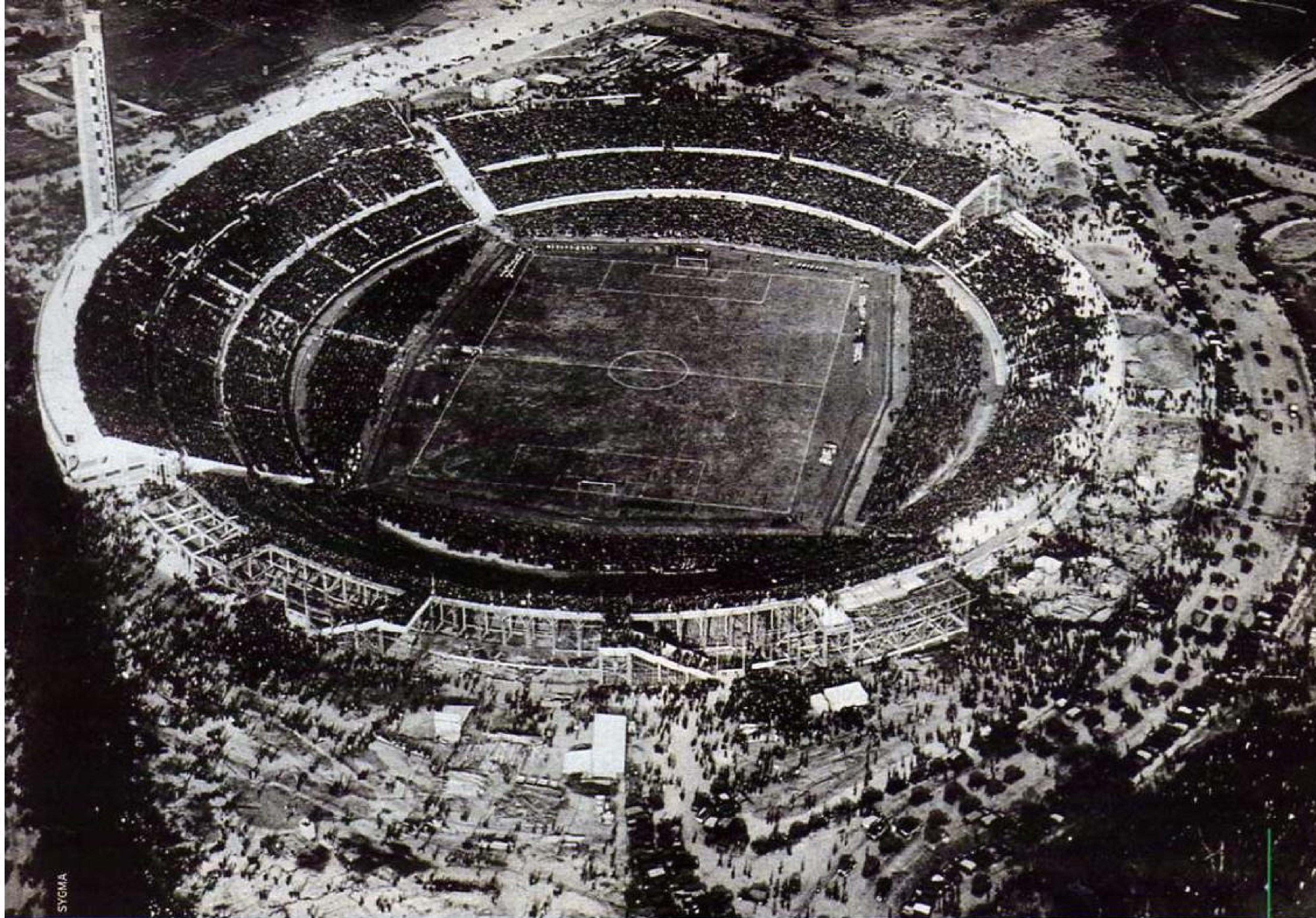
De fato, para Jules Rimet, o incansável dirigente francês, agora com a honra de presidir a Fédération Internationale de Football Association (Fifa), mais que um rico troféu, uma peça valiosa ou uma obra de arte, a taça de ouro era um símbolo. Nela, resumia-se o maior sonho da sua vida: o Campeonato Mundial de Futebol.

Ao contrário do que geralmente se supunha, muito tempo fora necessário para que o futebol deixasse de ser um esporte exclusivamente britânico e se tornasse popular em todo o mundo. A partir do último quarto do século passado, o futebol começara a se espalhar pela Europa. Já em 1872, graças a um grupo de marinheiros ingleses que o levara ao porto de Le Havre, o jogo chegara à França. Em 1873, já era conhecido na Dinamarca. Em 1879, na Suíça. Em 1880, na Bélgica e na Áustria e assim por diante. O futebol, portanto, se universalizara. Em fins do século passado, já se haviam

Jules Rimet *(à esq.)* e o troféu: Vitória alada com 30 cm de altura e 4 kg de peso

tornado freqüentes, na Europa, os jogos entre Seleções nacionais. Tais jogos não tinham caráter oficial nem chegavam a despertar no torcedor os ardores patrióticos tão comuns naquele 1930. Mas nem por isso deixavam de ter lá os seus encantos. Geralmente, duas federações combinavam, por carta e com duas ou três semanas de antecedência, um amistoso entre suas Seleções. Elas eram armadas às pressas, uma delas viajava de trem dois dias antes do jogo e tomava o trem de volta na manhã seguinte. Tudo era feito assim, na base do improviso, sem qualquer publicidade.

O MEDO DOS URUGUAIOS

Dois meses antes da data marcada para a abertura oficial, nenhuma Seleção européia havia confirmado sua participação. Pelo contrário, as únicas informações que a Associação Uruguaia de Futebol tinha recebido do outro lado do Atlântico eram de que Itália, Espanha, Áustria, Hungria, Tchecoslováquia, Alemanha e Suíça definitivamente não viriam a Montevidéu.

O Estádio Centenário começou a ser construído apenas seis meses antes da Copa e só ficou pronto depois de seu início

As explicações eram sempre as mesmas: para mandar uma Seleção de futebol à América do Sul gastavam-se quinze dias para ir, quinze para voltar, mais vinte para a disputa do campeonato, o que significava uma ausência de quase dois meses. As federações que adotavam o profissionalismo achavam que tanto tempo fora era, na verdade, perda de dinheiro. As amadoristas alegavam que seus jogadores não podiam ausentar-se por mais de um mês dos seus empregos.

Diante disso, os uruguaios começavam a temer pelo êxito da sua grande festa. A certa altura, chegaram mesmo a pensar em declarar guerra ao futebol europeu e liderar um movimento para fundar uma outra federação, espécie de Fifa latino-americana, dissidente daquela que Rimet presidia. Mas não levaram a idéia avante. O próprio Rimet se encarregou de fazer tudo para que sua França se inscrevesse. O mesmo Rimet dirigiu um comovente apelo aos seus amigos de Belgrado e conseguiu que, logo depois da França, a Iugoslávia confirmasse sua participação. Rodolphe Seeldrayers, o mesmo que tanto ajudara Rimet a levar à frente o projeto da Copa, teve de lutar muito para garantir a presença do seu país, a Bélgica. Por último, nada menos que o rei Carol, em pessoa, empenhou-se para que a Romênia não ficasse de fora. Desde menino um apaixonado pelo futebol, ele próprio escolheu, um a um, titulares e reservas da Seleção Romena. E a Europa, pelo menos, pôde contar com quatro representantes na Copa: França, Iugoslávia, Bélgica e Romênia.

Mas a indiferença européia à sua festa não era o único problema que os uruguaios enfrentavam às vésperas da abertura da Copa. O Estádio Centenário, que começara a ser construído apenas seis meses antes, numa localidade denominada Parque José Battle y Ordonez, ainda não estava pronto. Obra gigantesca, traçada pelo arquiteto Juan Scasso, com instalações modernas, uma imensa torre a erguer-se sobre uma das tribunas e capacidade para 80 000 espectadores, o estádio só ficaria pronto depois de iniciado o campeonato.

copa do mundo - 1930

A taça de ouro é do Uruguai

Os donos da casa fizeram uma Final emocionante contra a Argentina e ficaram com o título. O Brasil deu vexame

Desde que a realização da primeira Copa do Mundo fora confirmada, em 1929, a Confederação Brasileira de Desportos (CBD) fez questão de se incluir entre as primeiras a garantir sua presença. Em 3 de maio de 1930, em ofício assinado por seu presidente, Renato Pacheco, a CBD enviava à Associação Paulista de Esportes Atléticos (APEA) uma lista de jogadores convocados para a Seleção Brasileira. Entre eles, o que havia de melhor no futebol paulista: Friedenreich, Grané, Amílcar Barbuy, Heitor, Del Debbio, Filó, Clodô, De Maria, Feitiço, Athiê Jorge Curi, Petronilho de Brito, Araken Patusca. Mas a APEA não gostou. Concordava com os nomes convocados, mas não concordava com a comissão nomeada pela CBD para fazer a convocação: Píndaro de Carvalho, Gilberto de Almeida Rego e Egas de Mendonça, três cariocas. E por que não incluir entre os membros da comissão pelo menos um representante paulista? A APEA exigia o representante paulista, a CBD firmava pé nos três cariocas e a questão se estendeu em demoradas polêmicas pelos jornais. Finalmente, em 12 de junho, a menos de um mês da abertura da Copa, a APEA comunicou à CBD que não cederia seus jogadores à Seleção. Resultado: a CBD convocou vinte cariocas, mais Poli, de Campos (RJ), e guardou a 22ª vaga para Araken Patusca, que, depois de brigar com seu clube, o Santos, prometera a Renato Pacheco furar o boicote paulista. Sem um treinador, apenas com os três membros da Comissão Técnica para dar palpites ocasionais, a Seleção realizou não mais que dois treinos, no Rio de Janeiro, antes de embarcar para Montevidéu, no mesmo navio que trazia da Europa Jules Rimet em pessoa, a taça de ouro e ainda as delegações francesa, belga e romena (a iugoslava viajara antes, pelo *Florida*). Quando da passagem do *Conte Verde* pelo porto de Santos, Araken juntou-se à delegação. Estava cumprindo a promessa.

Embora improvisada, inexperiente, sem refletir o bom nível técnico que o nosso futebol já atingira em 1930, a Seleção Brasileira chegou a Montevidéu com alguns trunfos.

O argentino Stabile faz 2 x 1. Mas no segundo tempo, com a bola feita em casa, os uruguaios iriam reagir

Um deles, Fausto dos Santos, centro-médio, então despontando para uma das mais curtas e brilhantes carreiras de todo o futebol brasileiro. Outro, Preguinho, atleta completo, jogador inteligente. Russinho, um atacante cheio de malícia, e Carvalho Leite, um tanque cheio de coragem. E o próprio Araken, excelente no drible.

FRACASSO NA ESTRÉIA

Em 14 de julho, a Seleção escalada por Píndaro de Carvalho e Gilberto de Almeida Rego pisava o campo encharcado do Parque Central para enfrentar a Iugoslávia. Fazia um frio de quase zero grau, os brasileiros batendo o queixo, os iugoslavos seguros de si. Aqui o depoimento de Preguinho: "Nossa Seleção era tão boa quanto a deles, mas não tivemos sorte. Para começar, não esperávamos tanto frio. Depois, atacamos, atacamos, passamos a maior parte do tempo no campo adversário. E os iugoslavos, em dois contra-ataques, ganharam o jogo". Os dois contra-ataques a que Preguinho se refere ocorreram ainda no primeiro tempo, de modo que os iugoslavos viraram com uma vantagem de 2 x 0. No intervalo, os brasileiros sentiam-se como que congelados, os músculos endurecidos, o frio obrigando-os a se aquecerem com cobertores nos vestiários. Johnson, o massagista, pouco entendia de massagens (na verdade, ele só se fizera de massagista para acompanhar mais de perto o futebol). E os jogadores brasileiros recorriam a tudo — até a chá quente, que passavam nas pernas — para vencer o frio. No segundo tempo, jogando bem melhor, a Seleção Brasileira conseguiu um gol, aos 16 minutos, de Preguinho.

INTERCONTINENTAL PRESS

Mas foi só. Comandado por Fausto, o Brasil lutou até o fim pelo empate. Mas ficou mesmo no 2 x 1, resultado que praticamente o eliminava.

Segundo a opinião quase unânime na delegação, o frio e o azar tinham sido fatais. Opinião quase unânime por que não era, pelo menos, a de Fausto dos Santos. Lá mesmo, em Montevidéu, ele dera uma entrevista ao vespertino *A Noite* em que fazia pesadas críticas a quase todos os companheiros. "A maioria tremeu de medo, não de frio", foi uma das suas frases. Fausto poupava todos os homens de defesa, mas afirmava que Poli havia fugido da própria sombra, que Nilo e Teófilo tinham evitado as bolas divididas, que Araken jogara "como uma bailarina". Elogiava, porém, Preguinho: "Foi o único que enfrentou corajosamente a defesa iugoslava".

Quando o Brasil jogou com a Bolívia, em 20 de julho, no Estádio Centenário, já estava eliminado: os iugoslavos, ao derrotarem os bolivianos, três dias antes, tinham garantido a passagem para as Semifinais. De qualquer forma, aquela segunda e última partida brasileira na Copa serviu para diminuir um pouco a tristeza causada pela má estréia: 4 x 0 foi o resultado final, com dois gols de Preguinho e dois de Moderato.

RIVALIDADE SUL-AMERICANA

Uruguai e Argentina, classificados em seus grupos, derrotaram, respectivamente, Iugoslávia e Estados Unidos. E mais: com goleadas traduzidas em números absolutamente iguais (6 x 1). Por três dias, em Montevidéu e em Buenos Aires, não se falou em outra coisa. Uruguaios e argentinos viviam, pensavam, respiravam futebol. Milhares de torcedores, desesperados por não encontrarem lugar nas barcas superlotadas que saíam para Montevidéu, ensaiavam quebra-quebras no centro de Buenos Aires exigindo mais barcas. No outro lado, a confusão era ainda maior. Hotéis lotados, ingressos nas mãos dos cambistas, discussões e até brigas que surgiam aqui e ali.

No sossego de El Prado, Héctor Castro ia tomando conhecimento de tudo o que se passava lá fora. Na manhã de 30 de julho, horas antes da grande Final, procurou o treinador Alberto Suppicci para lhe falar de um telefonema anônimo, com uma ameaça de morte, que quase o impedira de pegar no sono. Castro sabia que o titular, Pelegrín Anselmo, distendera um músculo da coxa na Semifinal contra os iugoslavos e estava definitivamente fora da decisão. Sabia, também, que Suppicci tinha duas opções para o lugar de Anselmo: Pedro Petrone, um dos heróis das jornadas olímpicas de 1924 e 1928, e ele próprio, "El Manco" Castro, o eterno reserva. Ao confessar ao treinador que não dormira bem à noite, preocupado, Castro podia estar jogando fora a maior chance da sua vida e levando Suppicci a se definir por Petrone. Mas tinha de dizer a verdade. "Obrigado por ter contado, Héctor", disse o treinador. "Fique tranqüilo. Eu já decidi: aconteça o que acontecer, você entrará nessa Final."

Oitenta mil pessoas lotaram o Centenário. Os capitães dos dois times discutiam. O uruguaio querendo jogar com uma bola feita em seu país. O argentino, com uma bola argentina. O árbitro (*o belga Joliu Langenus*) decidiu: um tempo cada uma. Com a bola argentina, os uruguaios conseguiram o primeiro gol, logo aos 12 minutos, marcado por Dorado. Oito minutos depois, Peucelle empataria. Aos 37 minutos, Stabile, o goleador do campeonato, desempatou. E o primeiro tempo chegou ao fim com os uruguaios perdendo de 2 x 1. Foi espantosa a reação uruguaia no segundo tempo, jogando com a bola feita em casa. Aos 12 minutos, Cea empatou. Aos 23, num chute de fora da área, Iriarte pôs o Uruguai em vantagem. O país vivia momentos de sofrida espera quando, num contra-ataque, Dorado centrou da direita, pelo alto. E Castro, "El Manco" Castro, com uma cabeçada precisa, mandou a bola às redes. Era o quarto gol. Um minuto depois, o jogo acabava. E o Uruguai conquistava a taça de ouro. Castro — que chorava enquanto a bandeira do seu país era içada — sentia-se o mais feliz do mundo.

Brasil 4 x Bolívia 0: única vitória de uma Seleção improvisada

copa do mundo - 1934

Vitória sob pressão

Debaixo dos olhares severos do ditador Mussolini e de todo um povo, a Itália levanta a taça pela primeira vez

"Senhor Pozzo, chamei-o aqui para que não se esqueça de que haverá uma parada militar na próxima sexta-feira", avisou Benito Mussolini ao técnico da Itália, Vittorio Pozzo, naquela manhã de maio de 1934, em que os dois se encontraram no Palácio Veneza. "E eu gostaria de ver nossa Seleção desfilando." Naquele tempo, um pedido do *Duce* (ou Condutor, como o ditador italiano gostava de ser chamado) era uma ordem. Mesmo assim, o treinador negou a solicitação. Não queria aumentar a já excessiva responsabilidade dos seus jogadores, que disputariam uma Copa do Mundo em casa com a obrigação de vencer. Mussolini, então, avisou: "Está bem, senhor Pozzo. Os jogadores não precisam participar do desfile. Mas que Deus o proteja se esta Seleção fracassar!"

Felizmente para Pozzo e seus comandados, a *Squadra Azzurra* não fracassou. A primeira vitória, um 7 x 1 sobre os Estados Unidos, foi creditada pelos críticos da época muito mais à fragilidade do adversário do que propriamente às virtudes dos italianos. Mas o time se firmaria de uma vez por todas justamente diante das suas mais temidas adversárias, a Espanha e a Áustria, com duas vitórias por 1 x 0. Na Final, disputada em 10 de junho, em Roma, os italianos também sofreram para vencer a Tchecoslováquia por 2 x 1. Perdiam por 1 x 0 até faltarem dez minutos para o fim do jogo, quando Orsi empatou. Então, no início da prorrogação, Schiavio fez o gol do título. Só então o técnico Pozzo, seus comandados e o próprio Mussolini — presente no estádio — puderam respirar aliviados.

Os campeões de 1934: Combi, Monti, Monzeglio, Bertolini, Allemani e Ferrari *(de pé)*; Guaita, Meazza, Schiavio, Ferraris IV e Orsi *(agachados)*

Brasil joga pouco. *E mal*

Também na segunda Copa do Mundo o Brasil não esteve representado pelo que tinha de melhor. Um ano antes, a implantação do regime profissional no Rio de Janeiro e em São Paulo dividira o nosso futebol: de um lado, fiel ao amadorismo, a CBD; do outro, adepta do novo regime, a Federação Brasileira de Futebol (FBF). A esta última estavam filiados os principais clubes cariocas e paulistas — e, conseqüentemente, os melhores jogadores do país. Mas a Fifa não reconhecia a Federação Brasileira de Futebol e, sim, a CBD, à qual caberia convocar e mandar a nossa Seleção à Copa. Entre os grandes clubes brasileiros, a CBD só contava com o Botafogo como filiado. Resultado: a troco de boas propostas financeiras aos jogadores da Federação Brasileira de Futebol para mudarem de lado, conseguiu-se atrair Tinoco e Leônidas da Silva, do Vasco, e Sílvio Hoffmann, Luisinho, Armandinho e o talentoso Valdemar de Brito, do São Paulo da Floresta. Patesko, que viera de Montevidéu a convite da CBD, e Luís Luz, um maranhense em atividade no Grêmio, embarcaram mais tarde. O técnico era Luís Vinhais. Depois de onze dias de viagem de navio, os brasileiros chegaram a Gênova, onde, quatro dias depois, fizeram seu único jogo, contra a Espanha, pelas Oitavas-de-Final. Depois da derrota (com direito a um pênalti perdido por Waldemar de Brito, quando o jogo já estava 3 x 1), o time estava desclassificado. E arranjou-se uma excursão às pressas, por Belgrado, Zagreb, Catalunha, Barcelona, Lisboa e Porto.

Os oriundi *campeões*

Entre os italianos campeões do mundo havia um brasileiro (o reserva Guarisi, que, por aqui, jogava no Corinthians com o nome de Filó e, na Itália, utilizava o sobrenome do sogro). E quatro argentinos (Attilio De Maria, Monti, Guaita e Orsi).

Filó, *brasiliano* a serviço da Lazio e da Seleção Italiana

32 países

Se inscreveram para a disputa da segunda Copa do Mundo. A Fifa contava com 45 filiados.

3 países

Desistiram das Eliminatórais: Chile, Turquia e Peru.

14 países

Classificaram-se jogando. O Brasil ganhou a vaga automaticamente, devido à desistência do Peru. A Bélgica acabou convidada, como nação-fundadora da Fifa. A Itália, apesar de ser o país-sede, teve de jogar as Eliminatórias, em uma única partida, em Milão, contra a Grécia. Ganhou por 4 x 0.

17 jogos

Foram realizados na Copa de 1934.

141 gols

Foram marcados (média de 5,42 por partida).

3 artilheiros

Acabaram na frente na lista de goleadores, com quatro gols cada: Schiavio (Itália), Conen (Alemanha) e Nejedly (Tchecoslováquia).

395 000 pessoas

Assistiram aos jogos da Copa de 1934. Uma média de 23 235 pagantes por partida.

Gol 100

Abegglen III, da Suíça, marcou, na Copa de 1934, o gol número 100 da história da competição. Foi na vitória de 3 x 2 sobre a Holanda, pelas Oitavas-de-Final, em 27 de maio.

210 minutos

Foi o tempo que Itália e Espanha tiveram de jogar para definir quem se classificaria para as Semifinais. Os dois times empataram em 1 x 1 na primeira partida (tempo normal e prorrogação) e em 0 x 0 na segunda. O gol de Meazza, que finalmente classificou os italianos, só saiu aos 11 minutos do primeiro tempo da prorrogação do segundo jogo.

7 titulares

Da Espanha, massacrados pela violência dos italianos no primeiro jogo, não puderam participar da partida-desempate. Entre eles o goleiro Zamora — considerado o melhor do mundo — e o goleador Langara.

AUSÊNCIAS ILUSTRES

INGLATERRA Ainda se julgava boa demais no esporte que havia inventado para participar de competições promovidas pela Fifa. Só estrearia no Brasil, em 1950.

URUGUAI Deu o troco aos europeus, que boicotaram a primeira Copa, realizada em seu país.

PIOLA Futuro craque do time na campanha do bicampeonato mundial, em 1938, Silvio Piola foi desligado da delegação que ergueu a taça pela primeira vez quatro anos antes. Tudo porque estava lendo na concentração depois das 21 horas, horário estabelecido pela orientação fascista da Comissão Técnica.

copa do mundo - 1938

Bi da Itália, descoberta do Brasil

A Squadra Azzurra fatura o bi na França sem grandes dificuldades. E o futebol brasileiro aparece para o mundo

Luizinho, Romeu, Leônidas da Silva, Perácio e Hércules no ataque. Atrás, Domingos da Guia, o melhor zagueiro sul-americano. Parecia que, enfim, as brigas entre dirigentes tinham cessado, dando lugar à formação de uma verdadeira Seleção Brasileira, aquela que nos representou no terceiro campeonato mundial, primeiro a ser disputado na França. Em lugar dos chutões para a frente, típicos dos europeus, nossos craques mostraram dribles, toques de efeito e um jogo cadenciado nunca visto por lá. Dessa maneira, passamos pela Polônia com um difícil 6 x 5 e matamos a Tchecoslováquia com um 2 x 1 (depois de um empate em 1 x 1 na primeira partida). Pena que, no meio do caminho, havia um outro time, tão bom ou, talvez, melhor. Atuais campeões do mundo, os italianos (ainda sob a inspiração fascista) se apresentaram na França com um time bem mais reforçado. Silvio Piola e o goleiro Oliveri faziam companhia, agora, a Meazza e Ferrari, astros e únicos remanescentes do time que encantara o *Duce* e o povo italiano jogando em casa, quatro anos antes. Italianos e brasileiros se enfrentaram nas Semifinais, em uma espécie de decisão antecipada daquela Copa, disputando o direito de ir à Final contra a Hungria. E os italianos levaram a melhor, por dois gols a um, o segundo deles graças a um pênalti infantilmente cometido por Domingos da Guia, quando a bola estava em jogo do outro lado do campo. Aquele foi mesmo um jogo de muitas histórias. O técnico Adhemar Pimenta, por exemplo, voltaria para casa acusado de tomar a decisão errada ao poupar Leônidas da Silva, nosso principal jogador e artilheiro do Mundial com nove gols, já pensando na decisão. Chegou-se, até, a falar que, atendendo a uma solicitação brasileira, baseada em erros da arbitragem, a Fifa cancelaria a partida. Tudo em vão. Três dias depois, lá estava a Itália novamente em campo, derrotando os húngaros por 4 x 2. Nós ficamos com o prestígio internacional. Eles, uma vez mais, com a taça.

A *Squadra Azzura* passa por cima dos húngaros: vitória dramática, que começou a dez minutos do final do jogo

Contra os tchecos, nossa melhor Seleção até então teve de jogar duas vezes. Empatou uma, venceu outra

SYGMA

SYGMA

O técnico Pozzo, único bi do mundo, e seus comandados: festa em dose dupla para um time melhor que o de 1934

Notas da Copa

No banco, só ele foi bi

Vittorio Pozzo é, até hoje, o único técnico bicampeão mundial. Comandou a *Squadra Azzurra* nas Copas de 1934 e 1938.

O Zagallo de 1938

Quem acha que Zagallo, o atual técnico da Seleção, é desinformado nunca ouviu falar de Adhemar Pimenta. Em uma época em que todos os times do mundo já utilizavam o sistema WM, ele insistiu em escalar a Seleção Brasileira com os tradicionais zagueiros, médios e atacantes. Pior: Pimenta simplesmente não tomara conhecimento das alterações que a Fifa acabara de introduzir nas regras do jogo, expostas com detalhes em boletins remetidos aos treinadores das dezesseis Seleções finalistas. Resultado: nossos jogadores chegaram à França sem saber, por exemplo, que o tiro de meta já não se cobrava de qualquer jeito, o goleiro pondo a bola em jogo não com a mão mas com o pé, e a bola parada na pequena área.

Flu x Bota

Durante a viagem de navio, todos os dias, o técnico Pimenta era pressionado por dirigentes e jornalistas. Os botafoguenses, insistindo para escalar Perácio e Patesko. Os tricolores, fazendo lobby para Tim e Hércules. Na estréia contra a Polônia, surpresa: Pimenta escalou uma fórmula que visava agradar a todos, com o botafoguense Perácio e o tricolor Hércules. Ganhamos de 6 x 5.

Goleiro com uma mão só

Uns dizem que foi em um choque com o brasileiro Perácio. Outros, que seu braço, na verdade, havia ficado prensado entre a bola e a trave, depois de um chute do mesmo Perácio. O fato é que Planicka, goleiro e capitão da Tchecoslováquia, atuou durante boa parte do primeiro jogo contra o Brasil com a clavícula deslocada. E, mesmo com uma mão só, garantiu o empate em 1 x 1 na prorrogação.

O reserva barrado

Com a contusão de Leônidas da Silva, seria natural o aproveitamento do seu reserva imediato, Niginho, contra a Itália. "Estou informado de que, se ele entrar, os italianos vão protestar junto à Fifa e exigir a nossa eliminação da Copa", descartou o chefe da delegação, Castello Branco. Niginho, na verdade Dionísio Fantoni, iniciara sua carreira no Palestra Itália, de Belo Horizonte (*atual Cruzeiro*), e depois tentara a sorte, como *oriundo*, na Lazio, de Roma. Em 1937, morto de saudade do Brasil, mandara às favas o contrato que o prendia ao clube italiano e tomara um navio de volta. Ingressou no Palestra Itália, de São Paulo (*atual Palmeiras*), sagrou-se campeão paulista daquele ano e, em seguida, se transferiu para o Vasco. Niginho era titular do ataque vascaíno quando Pimenta o convocou em 1938. Mas ainda estava preso por contrato com a Lazio. E, por precaução dos dirigentes, acabou não entrando em campo. Romeu foi deslocado para a posição de centroavante.

Seleção anexada

Antes da abertura da Copa, a Áustria foi anexada à Alemanha. Seus jogadores, integrantes do *Wunderteam* (Time Maravilhoso) iriam agora, por força de um ato político, reforçar a Seleção Alemã. E o jogo dos austríacos contra a Suécia, marcado para as Oitavas-de-Final, entraria para a história como o único cancelado na história das Copas.

O primeiro herói

Na Copa de 1938, o Brasil e o mundo acompanhavam, maravilhados, o futebol de Leônidas da Silva

POR MARCOS REY

O BRASIL TODO ESTAVA COM A ATENÇÃO NO RÁDIO. A palavra então mais pronunciada era estática, ruído chato, que lixava os ouvidos e fragmentava a narração dos locutores. Mesmo nas transmissões Rio-São Paulo estava presente. E aquela vinha de Estrasburgo, França, muito mais longe e muito mais sofrida, pela ansiedade. Nas Copas anteriores, a de 1930 e a de 1934, o rádio era ainda artigo de luxo, não chegara ao povão, mas, em 1938, geralmente em formato de igrejinha, ele já era objeto encontrado em todos os lares, talvez a primeira conquista da pobreza nacional. Lembro que era domingo e que o Brasil enfrentava a Polônia. Foi a maior tarde do futebol brasileiro até aquela data. E maior também por causa de uma prorrogação que torturou a nação inteira. No tempo normal, 4 x 4. E a batalha prosseguiu, prejudicada pela estática da transmissão, até um suado 6 x 5. Na prorrogação, um tal de Leônidas, que já fizera um gol, fez mais dois. E nascia o ídolo que enfim substituiria o lendário Arthur Friedenreich.

Ficamos sabendo, do dia para a noite, que o tal Leônidas, com 25 anos de idade, nascido no Rio de Janeiro, não era nenhum novato no esporte. Inclusive participara do selecionado de 1934, disputado na Itália, onde já se destacara por ter marcado um gol contra o goleiro espanhol Zamora, considerado um dos maiores de todos os tempos. E que jogara, com sucesso, no Uruguai. Os paulistas concentraram-se naquele nome, a grande esperança da conquista do título, coisa tão remota nos anos 30.

Dias depois, o Brasil enfrentou a Tchecoslováquia. Eu cursava o ginásio e estaria em aula durante o jogo. O que adiantava terem colocado um rádio no pátio se não podíamos ouvir? Mas ninguém prestava atenção no professor e todos pediam licença para ir ao mictório. Até que o mestre entendeu o que a classe queria e, democraticamente, com um sorriso largo, decidiu simpaticamente:

— Vamos todos ouvir o jogo.

A partida, uma tortura, terminou com um empate de 1 x 1, tendo Leônidas marcado o nosso gol. Menos mal. Pelo regulamento da época, em caso de empate deveria haver novo jogo. No segundo, o time brasileiro foi constituído de suplentes, menos dois do quadro efetivo, o goleiro Válter e Leônidas. Indispensáveis. O Brasil poupava-se para a Semifinal com a Itália, dois dias mais tarde, em Marselha. Desta vez vencemos os tchecos por 2 x 1, mais um gol de Leônidas, terminando o jogo cheios de esperança de vencer a Itália. Aliás, a imprensa internacional apontava o Brasil como um dos favoritos para vencer a Copa. Bastaria passar pela Itália. E todos os jornais europeus traziam retratos

A bicicleta de Leônidas: o futebol conquista sua maioridade em São Paulo

daquele que poderia garantir a nossa vitória, Leônidas, que mais parecia um homem de borracha.

Com meus 13 anos, foi o primeiro ídolo nacional, que vi despontar, ser assunto para todos os papos. Meu pai, que tinha uma gráfica e encadernadora, decidiu dispensar os empregados nos dias de jogo do Brasil. Até minha mãe e minha irmã, que jamais haviam se interessado por esportes, estavam ansiosas. No dia do grande embate com a Itália, amanheci febril. Íamos enfrentar a poderosa Itália de Mussolini, que ocupava a Etiópia e desafiava o mundo com onze milhões de baionetas. Naqueles tempos, a Itália, mais que a Alemanha de Hitler, ainda não testada em conflitos bélicos, impunha respeito e temor. O que poderíamos nós contra ela, mesmo no terreno esportivo? Os otimistas, porém, sorriam: tínhamos Leônidas. Ele vencera a Polônia e a Tchecoslováquia. A imprensa internacional afirmava que ele era inclusive superior a Zarosi, famoso centroavante húngaro. E infinitamente melhor que Piola, italiano, que marcara perto de 500 gols.

No dia do jogo uma notícia amarga começou a circular desde cedo. Leônidas não jogaria, teria se ferido no jogo contra os tchecos. Ninguém acreditou, seria azar demais. Mas o boato aos poucos tomava formato de notícia verdadeira. No Rio, um torcedor deu um tiro de revólver no rádio ao ouvir a notícia confirmada da ausência de Leônidas no selecionado. A nação toda ficou trêmula, cabreira. Os comentaristas, porém, procuravam injetar otimismo no público. Nosso esquadrão era ótimo. Tínhamos Romeu, que o colunista Mazoni considerava melhor que Leônidas, Tim, Patesco, Perácio, Martim e, na zaga, o grande Domingos da Guia. Mesmo sem Leônidas nossas chances eram muitas.

Em casa o jogo foi ouvido pela família sentada ao redor da mesa. O nome de Leônidas vendera milhares de rádios em poucos dias. O volume máximo. Um choque logo de início. Os italianos abriram a contagem. Tudo pareceu perdido, mas nosso selecionado disputava todas, mostrava garra. Até que aconteceu o discutido pênalti cometido por Domingos da Guia em Piola. Válter defenderia? Não: 2 x 0 para a Itália, o longo ooooh da desilusão. A três minutos do final, Romeu diminuiu o marcador e logo depois veio o fim.

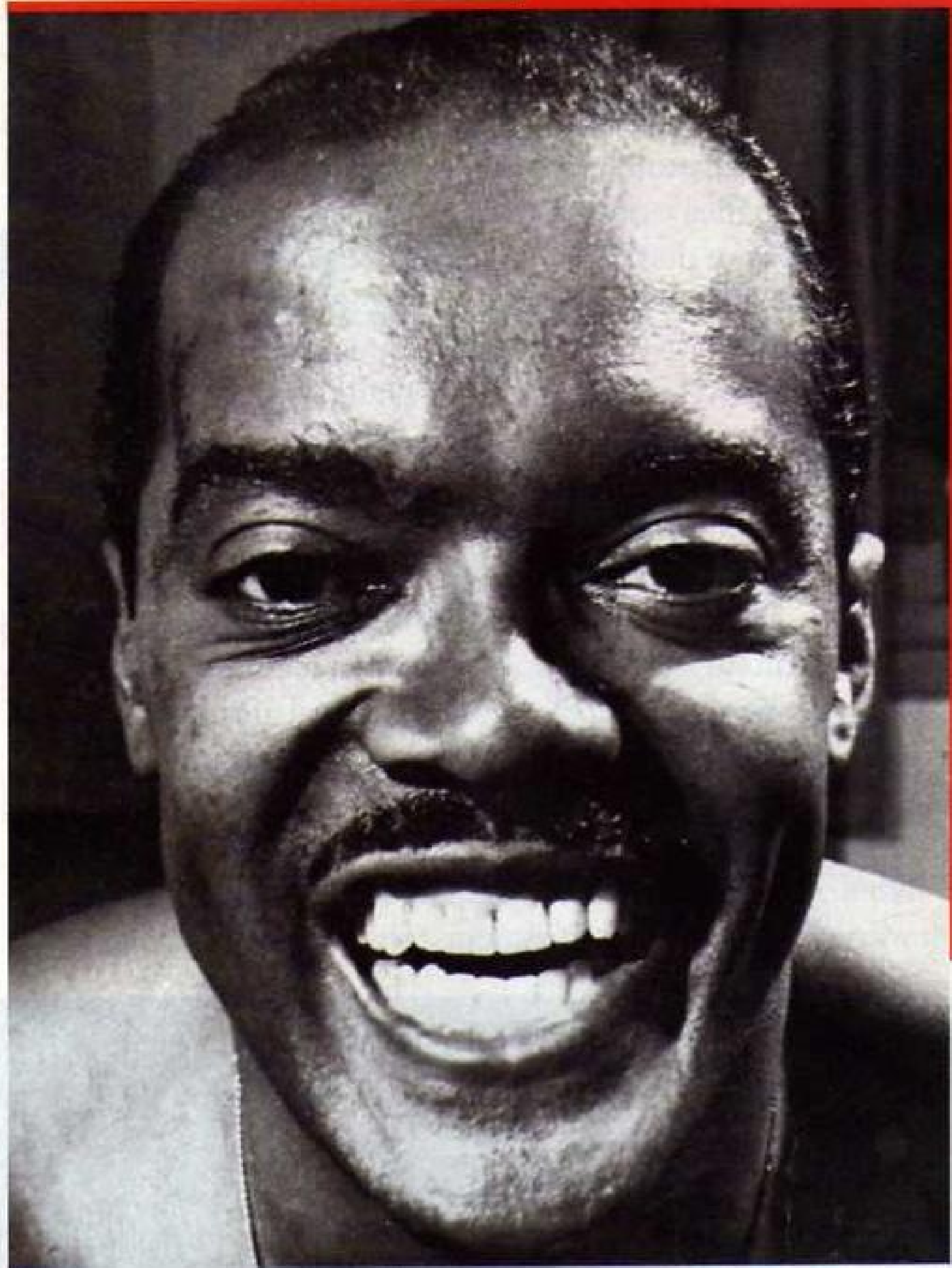
Ninguém se conformava. Minha irmã, chorando, jurou que nunca mais torceria por futebol. Sofrera demais.

Nossa partida final foi contra a Suécia em disputa da 3ª colocação na Copa. Leônidas jogou e fez mais dois gols, 4 x 2, num total de sete, o goleador do torneio. Sua volta ao Brasil foi triunfante. Tornara-se um dos três nomes mais populares do país, dentro e fora das fronteiras — Getúlio Vargas, Carmen Miranda e Leônidas da Silva. A publicidade viu nele um nome atraente para vender produtos. Os cigarros Leônidas foram lançados com grande estardalhaço pela companhia Sudan, de Sabado D'Angelo, uma das fábricas mais importantes do país. E até hoje existe o chocolate Diamante Negro, da Lacta. Pela primeira vez o nome de um chocolate, não do fabricante, puxava as vendas. Duas empresas paulistas capitalizando o êxito de Leônidas. Sabe-se que em nenhum dos dois casos ele faturara alto. A fama ainda não estipulara seu preço e muita coisa ficava por conta da homenagem.

No regresso, Leônidas assinou novo contrato com o Flamengo, ganhando 80 contos de réis por um ano de contrato. Comprou um carro por três contos e mudou de status, mas o que recebia era pouco em comparação com qualquer ídolo esportivo de hoje. Sua fama não desacelerou o regresso. Logo receberia novo empurrão: a bicicleta. Nada mais fotogênico do que Leônidas boiando no espaço com o chute armado. Gol de bicicleta. Só o homem de borracha, o "Diamante Negro", era capaz disso. Bastava abrir um jornal no caderno esportivo e lá estava o sorridente da Silva, voando. Apenas os beijos de Mirna Loy e William Powell tinham comparável exposição na imprensa. Testemunhei gente dizendo: "Vi Leônidas marcar um gol de bicicleta, agora morrerei feliz". Pensaram se já existisse televisão?

Em 1942 a vida do grande craque começou nova etapa: transferiu-se para São Paulo, e justamente para o São Paulo Futebol Clube, meu quadro, e que não estava indo nada bem. Diziam que o Tricolor só ganharia um campeonato quando uma moeda caísse de pé. A notícia explodiu nas manchetes. O "Diamante" ganhou 200 000 cruzeiros pela transferência. Lembro-me do espanto que essa quantia causava. Um jogador de futebol ganhando tanto, um escândalo! Mas era apenas quanto custava uma residência razoável, num bairro de classe média. Acontece que o amadorismo não estava tão longe assim, quando os jogadores, mesmo os geniais, recebiam apenas presentes e aperto de mão das autoridades.

A chegada de Leônidas a São Paulo, em 10 de abril de 1942, foi uma festa. Dez mil torcedores compareceram à estação do Norte. O locutor são-paulino Geraldo José de Almeida, estava enlouquecido. Tirávamos jogador da capital federal, logo quem. Poucas vezes os paulistanos mostraram-se tão vaidosos. Houve grandes festas na recepção do ídolo, uma delas liderada pelo grande cantor Sílvio Caldas, que, em breve, também se mudaria para São Paulo. Graças a Leônidas, o futebol conquistava sua maioridade em São Paulo.

Precipitadamente, o craque foi escalado para jogar contra o Corinthians. Sem nenhuma adaptação. Deu empate, 3 x 3, e

muita chacota. Uma delas: Brandão, centro-médio corintiano, foi preso; estava com um diamante no bolso. No segundo jogo o São Paulo perdeu para o Palmeiras, 2 x 1, mas esse um de bicicleta, do Leônidas, claro, e ninguém comentou a derrota. São Paulo ganhou de 1 x 2, uma inovação na história da contagem. O resto foi uma enxurrada de vitórias e alguns campeonatos.

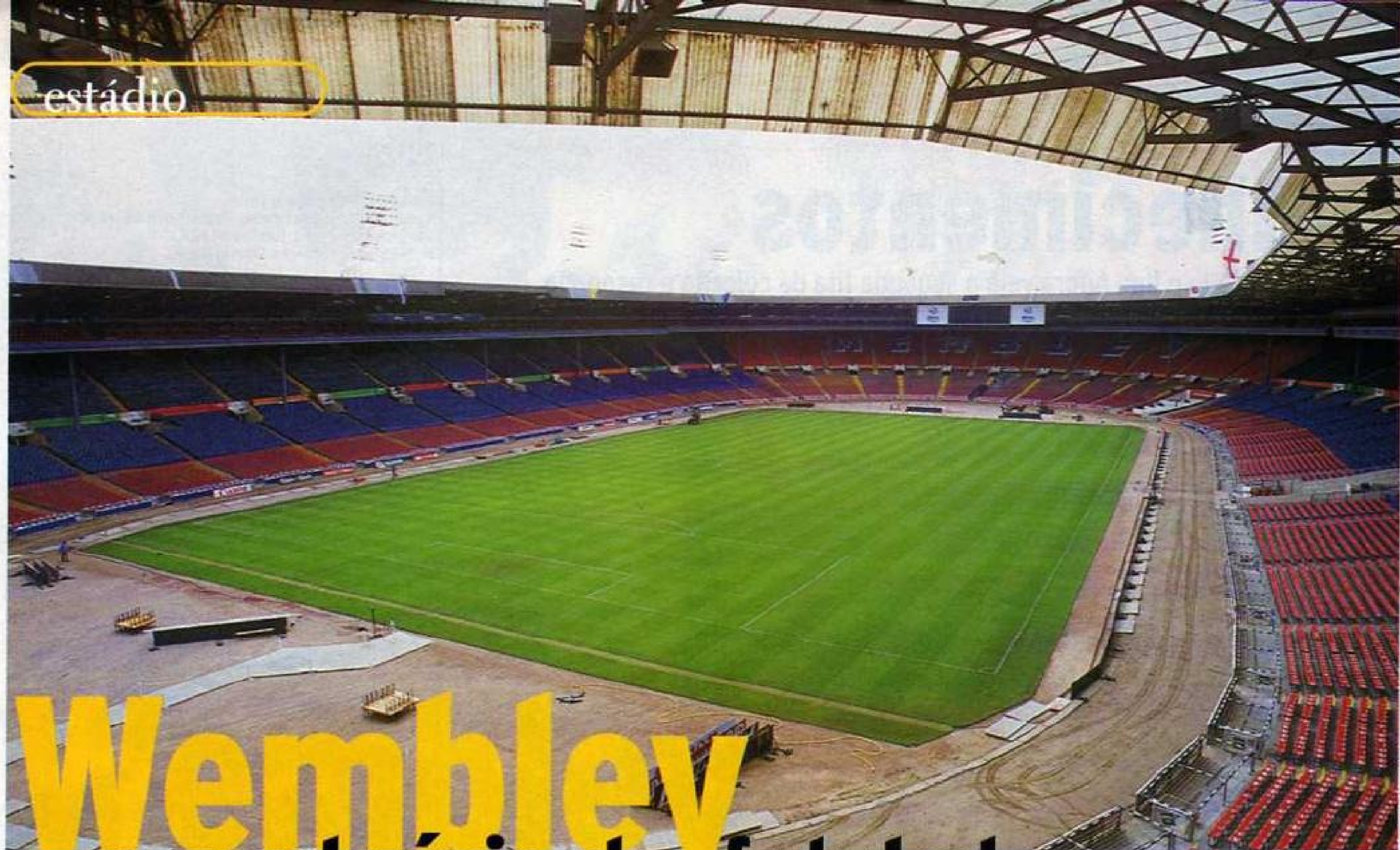
No dia 24 de dezembro de 1950, num sábado à noite, no Estádio do Pacaembu, foi a despedida oficial de Leônidas da Silva. Dizia-se que jamais surgiria um jogador igual, impossível. Disseram o mesmo quando Friend aposentou-se. Por maior que seja um esportista ou artista, um dia ele vira página de arquivo, lembranças esparsas. No caso do "Diamante Negro", sua recordação mais sólida é de chocolate.

Freqüentei durante muito tempo o bar Pandoro, nos Jardins, aos sábados, pela manhã, onde Leônidas, já com mais de 70, ia com igual constância. Nunca conversamos, mas gostava de observá-lo da minha mesa e relembrar seus feitos. O mundo todo o admirara. Às vezes, alguém parecia reconhecê-lo, olhava-o por uns instantes, e afastava-se. Raros vi aproximarem-se com a mão espalmada. Para a maioria dos fregueses, porém, tratava-se apenas de um homem idoso, sentado no bar. A um amigo muito mais jovem, que me acompanhava, comentei:

— Aí está Leônidas e ninguém se lembra dele. É injusto.

— Também acho. Mas o que foi mesmo que ele fez?

Marcos Rey, 73 anos, é escritor, autor dos livros Memórias de um gigolô *e* O mistério do cinco estrelas, *entre outros.*

PISCO DEL GAISO

Wembley o santuário do futebol

Estádio de Wembley: palco de incontáveis partidas históricas

Ali dentro até o mais enfadonho 0 x 0 ganha um ar solene

Depois de embarcar no centro de Londres para uma viagem de meia hora de trem, o torcedor chega a um local com um nome bem sugestivo – a ponte Bobby Moore, homenagem ao capitão da Seleção Inglesa. Ao cruzar a passagem, avista o que parece ser a fachada de um castelo medieval, com duas torres imensas e um pesado portão vermelho ao centro, acesso exclusivo de Sua Majestade, a rainha Elizabeth II, e dos integrantes da família real. Aos demais ficam reservadas as entradas plebéias, fato que não incomoda o fã de futebol. À porta do lendário Estádio de Wembley, palco de incontáveis partidas históricas, quem liga para a mania britânica de conferir o ar solene às mais cotidianas tarefas, como assistir a um joguinho de bola? Foi ali, nas arquibancadas superlotadas, sob o olhar de 96 000 pessoas, que os donos da casa ganharam a Copa do Mundo em 1966.

O estádio foi inaugurado em 1923, com o jogo Bolton 2 x West Ham 0, pela Final da Copa da Inglaterra. Quase 200 000 pessoas assistiram à partida. O número de torcedores excedia em muito a capacidade. As pessoas chegaram a se aglomerar ao redor do campo. Em Wembley, até o mais enfadonho 0 x 0 ganha imponência, seja pelos trechos da ópera *Aída* que rimbombam nos alto-falantes na entrada dos times em jogos da Seleção, seja pelos cuidados com o gramado, cortado todo santo dia a nem mais, nem menos do que 18 milímetros de altura. É um tapete reservado à Final da Copa da Inglaterra e às partidas do *English Team*.

ED VIGGIANI

A fachada de um castelo medieval, com duas torres imensas

ESTÁDIO DE WEMBLEY

Inauguração: 28 de abril de 1923
Primeiro jogo: Bolton 2 x West Ham 0 (Final da Copa da Inglaterra)
Capacidade atual: 80 000 pessoas (todos os lugares são cobertos)
Altura das Torres Gêmeas: 38,40 metros
Dimensões do campo: 105 metros x 69,5 metros

Teste seus conhecimentos

A revista chegou ao fim. Agora veja a segunda fita da coleção e responda às três perguntas abaixo:

1. Qual foi o primeiro país da América do Sul a organizar uma partida de futebol?

a) Brasil.
b) Uruguai.
c) Argentina.

2. Qual era o apelido de José Leandro Andrade, o primeiro craque do futebol uruguaio?

a) Pérola Negra.
b) Príncipe Celeste.
c) El Paredón.

3. Qual era a profissão de Jules Rimet?

a) Médico.
b) Advogado.
c) Cartola.

Respostas: 1. c; 2. a; 3. b

No próximo número

Charles Miller traz o futebol para o Brasil

Lances memoráveis das Copas de 1950 e 1954

A Hungria do genial Puskas

Real Madrid, o melhor do mundo

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907 - 1990)

Presidente e Editor: Roberto Civita
Vice-Presidente e Diretor Editorial: Thomaz Souto Corrêa
Vice-Presidente Executivo: Luiz Gabriel Rico
Vice-Presidente de Operações: Gilberto Fischel

Diretor de Desenvolvimento Editorial: Celso Nucci Filho
Diretor de Planejamento e Controle: Celso Tomanik
Diretor de Recursos Humanos: Egberto de Medeiros
Secretário Editorial: Eugênio Bucci
Diretor de Serviços Editoriais: Henri Kobata
Diretor de Editorial Adjunto: Matinas Suzuki Jr.
Diretor de Publicidade: Milton Longobardi

Diretor Superintendente: Nicolino Spina

Diretor de Redação: Marcelo Duarte

Diretor de Arte: Silas Botelho
Redator-Chefe: Sérgio Xavier Filho
Editor de Fotografia: Ricardo Corrêa Ayres
Editores Seniores: Alfredo Ogawa, Luís Estevam Pereira
Editores Especiais: Amauri Barnabé Segalla, Celso Unzelte
Repórteres Especiais: Luísa de Oliveira, Rogério Daflon, Sérgio Garcia (Rio de Janeiro)
Repórteres: Christian Carvalho Cruz, Manoel Coelho
Subeditor de Fotografia: Alexandre Battibugli
Repórter Fotográfico: Pisco Del Gaiso
Chefes de Arte: Adriana Nakata, Fábio Bosquê Ruy
Diagramadores: Luciano Augusto de Araujo, Rita Palon
Atendimento ao Leitor: Luís Eduardo Alves, Rodolfo Martins Rodrigues

Apoio Editorial
Depto. de Documentação: Susana Camargo; Abril Press: José Carlos Augusto; Nova York: Grace de Souza; Paris: Pedro de Souza

Publicidade
Diretora de Vendas: Thais Chede Soares B. Barreto
Vendas São Paulo
Executivos de Negócios: Cristiane Tassoulas, Rogério Gabriel Comprido, Sérgio Ricardo Amaral
Gerente de Agências: Moacyr Guimarães
Executivos de Contas de Agências: Ana Marta M.G. de Castro, André Chaves, Liliane Graciotti, Patrícia Trufeli, Renata de Abreu Moreira
Gerentes de Marketing Publicitário: Elizabeth de Menezes Rocha, Simone de Souza
Vendas Rio de Janeiro
Gerente de Publicidade: Leda Costa
Contatos de Agências: Célio Robledo, Lúcia Angélica

Assinaturas
Diretor de Operações e Serviços: Antonio Almeida
Diretor de Vendas: William Pereira

Circulação
Adriana Naves, Claudia Saadia (Assinaturas), Marcelo Jucá (Bancas, Promoções e Eventos)

Projetos Especiais
Celio Leme

Planejamento e Controle
Gláucio C. Barros

Processos
Gilson Del Carlo

Diretor Escritório Brasília: Luiz Edgar P. Tostes
Diretor Escritórios Regionais: Marcos Venturoso
Diretor Escritório Rio de Janeiro: Celso Marche
Representante em Portugal: Manuel José Teixeira

Presidência: Roberto Civita, *Presidente e Editor*, José Augusto Pinto Moreira e Thomaz Souto Corrêa, *Vice-Presidentes Executivos*

Vice-Presidentes: Angelo Rossi, Fatima Ali, José Wilson Armani Paschoal, Luiz Gabriel Rico, Peter Rosenwald, Placido Loriggio

COLEÇÃO
PLACAR
Leônidas
O Diamante Negro